

O RISO D'A VITÓRIA – Com este título sugestivo surge a 15 de Agosto de 1919 um “Quinzenário Humorístico”, de facto com periodicidade quinzenal à excepção de um dos seus números¹. Teve como fundadores e directores **Jorge Barradas e Henrique Roldão**.

Barradas foi um conhecido pintor do modernismo português e os seus desenhos de um humorismo brilhante e em perfeita consonância com as legendas – de igual brilho – ilustram todos os números da publicação (de chamar também a atenção para os de Stuart Carvalhais², Almada Negreiros, Diogo Macedo, Leal da Câmara e Menezes Ferreira)³.

Roldão, jornalista e autor de teatro, tinha no humorismo uma das suas inspirações. A dupla com Jorge Barradas proporcionou-lhe o periódico (embora efémero) que foi *O Riso d'a Vitória* (RV).

O RV teve a marca episódica do modernismo: um vincado individualismo de exame, com a visão simplista da análise de um concreto generalizado em superfície, e abordando os problemas da época sem aprofundamento de causas. Traduzindo o tempo que procurou reflectir, por palavras ou imagens, verifica-se não poucas vezes a anedota da própria anedota, isto é, ela não ser risível pelo que expressa, mas para rir do seu autor. Dois exemplos: n.º 2, p. 3 – “Um disparate: Um preto lavar-se”. Ou então no n.º 1, p. 7, sob a epígrafe “Telegramas” um “Última Hora” com o título “Doutor Bernardino Machado” e o texto seguinte: “Paris, 13 (Rádio. – Atrasado mas sempre oportuno) – Por ser hoje domingo o doutor Bernardino Machado renúncia provisoriamente à Presidência da República Portuguesa. – J.” (Bernardino Machado é também “entrevistado” – n.º 6, p. 3 – e apresentado com carácter de psitacídeo - isto é, de papagaio).

Qualquer dichote tem por destino uma descodificação. Quanto ao primeiro, é evidente que dá para pensar num Portugal saído da guerra em que tinha entrado por uma única razão: proteger as colónias africanas, sobretudo Angola e Moçambique, mesmo à custa de uma subordinação do corpo expedicionário português a ordens britânicas. Por outras palavras: se a Alemanha vencesse a guerra ocuparia decerto aqueles territórios sob administração portuguesa, que há muito ambicionava; no caso da aliança com Inglaterra, Portugal teria mais hipóteses de sustentação das colónias.

¹ *O Riso da Vitória* teve com efeito periodicidade quinzenal até ao seu n.º 5, de 15.10.1919, tendo o n.º 6 saído um mês depois. Manteve a mesma periodicidade até ao n.º 9, o que se terá devido a falta de papel, segundo é afirmado pelos autores. O último número, o 11, é datado de 29.2.1920. Todos os números contêm oito páginas e o preço do número avulso de 5 centavos. A propriedade era de “A VITÓRIA” Limitada. O local da redacção e administração começou no Cais do Sodré e foi depois na Rua Anchieta. Na composição e impressão houve também mudanças – Rua do Corpo Santo, Rua do Século, Rua da Bica.

² Stuart Carvalhais merece aliás uma nota com destaque na p. 2 do n.º 5: “Stuart Carvalhaes – O belo desenho que hoje ilustra a primeira página do nosso quinzenário é devido ao hábil lápis do ilustre artista, já de há muito consagrado entre os nossos desenhadores e a quem *O Riso da Vitória* patenteia, o seu grande apreço, admiração e reconhecimento”. Idêntica nota de reconhecimento é dedicada a Menezes Ferreira.

³ Todos estes autores podem ser consultados na *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*. Sobre Stuart Carvalhais, v. ainda a nota com interesse na revista *História*, nº 29, Março de 1981, p. 27.

O segundo exemplo revela que fingir a ignorância da História até ao humor pode convir. É que, de facto, Bernardino Machado não se demitiu - aquilo que nos faz irreprimivelmente rir tem marcas sociais tão antigas quanto a própria sociabilidade humana: foi deposto por duas vezes⁴.

O humor nasce no cérebro e a sua vertente lúdica, se por vezes (raras) pode considerar-se generalizada, tem quase sempre um destinatário social.

Quer pelos objectivos da crítica, quer pelo seu conteúdo crítico, RV tem um destinatário sociologicamente óbvio: os pequenos burgueses lisboetas, sem excluir algumas camadas da média burguesia urbana, que evidencia parcialmente os mesmos interesses. Isto é, os que sentem a necessidade de mudança e quantas vezes a vontade de a ver realizada, pronta, acabada a seu gosto, mas sem capacidade política para a protagonizar, essencialmente pelo receio de correr os riscos que qualquer mudança pode implicar.

RV nasce contente com ele mesmo. O n.º 2 abre com um rasgado auto-elogio referindo a forma como foi recebido pelo público o primeiro exemplar: “Quatro edições! Nem *A Ceia dos Cardeais* do Senhor Inspector teve tanta saída! Um sucesso! Tudo lia, tudo procurava *O Riso* e até um sujeito de cachimbo no Chiado dizia: Está bom! Está muito bom”!

Na sua observação da realidade esta publicação tem como constante a crítica aos órgãos do poder (v. logo a abrir o n.º 1 “Parlamento – Dá Cá o Pé”, parodiando a designação de cada ministério, “C.M.L.” n.º 3, p. 2, “O Pátria Sente-se a Voz!”, n.º 4, p. 3, até ao final da publicação). Seguem-se também ao longo dos seus 11 números críticas satíricas à polícia (n.º 3, p. 7); aos militares (n.º 5, p. 4); aos costumes (por exemplo a sátira a Júlio Dantas com a seguinte nota e a assinatura de Faísca, n.º 3, p. 6: “As senhoras gostam muito, dizem aos maridos que o Júlio é o mais lindo poeta do mundo e os jornais publicam-lhe o retrato. Dizem para aí que é ele próprio quem faz as notícias a seu respeito, mas deve ser calúnia, por força”).

Como se pode verificar por estes exemplos, a crítica é de uma ligeireza jornalística prudente – para não dizer politicamente afagante. Aliás a cautela nota-se num anúncio várias vezes publicado, sempre com o mesmo texto:

⁴ Falar em riso leva-nos inevitavelmente a Henri Bergson (v. *O Riso*, tradução portuguesa, Relógio D'Água, 1991). Bergson analisa longa e profundamente o riso, de uma forma que pode levar-nos a sorrir, mas sobretudo obrigar-nos a um sério pensamento reflectido. Diz ele: “ Que significa o riso? Que há no fundo de risível? Que descobriremos de comum entre um esgar de palhaço, um jogo de palavras, um quiproquó de *vaudeville*, uma requintada cena de comédia?” “Os maiores pensadores, desde Aristóteles, têm enfrentado este pequeno problema, que se escapa sempre aos seus esforços, desliza, foge, ressurgue, desafio impertinente lançado à especulação filosófica”. Bergson acentua a vertente social do riso: “ Não saborearíamos o cómico se nos sentíssemos isolados. Dir-se-ia que o riso exige um eco”. “O nosso riso é sempre o riso de um grupo”. “Para compreendermos o riso, temos de o repor no seu meio natural, que é a sociedade; temos sobretudo de determinar a sua utilidade de função, a sua função social” ... “O riso deve dar resposta a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social”.

“O RISO DA VITÓRIA

Publica toda a colaboração que lhe for enviada nas seguintes condições :

Deve ter graça.

Ser escrita em português.

Não ser pornográfica.

Relativamente pequena.

Não meter política.

Que sirva isto de aviso a todos quantos nos maçam com palermices”.

Já o mesmo não acontece com dois outros alvos de RV – os trabalhadores portugueses e a jovem revolução russa de 1917. Aqui o enfoque cómico da crítica é mais afoito – o que se percebe: o alvo ou é muito mais fraco (no caso português) ou muito mais distante (do lado russo) – o que também fragiliza a resposta, e talvez se possa bem compreender: atentando à enorme iliteracia em Portugal e às difíceis e morosas comunicações existentes a nível internacional em 1919/1920, seria pouco provável uma reacção de qualquer dos visados ao “olho crítico” deste quinzenário humorístico.

O trabalhador português é apresentado como grande “mau da fita” com ganho e sem trabalho realizado. Consegue sustentar-se a não fazer nada, à custa de uma imaginação cujo maior empreendimento é ... construir o mais facilmente possível uma rigorosa – mas “trabalhosa” – preguiça. Ver, por exemplo, n.º 2, pp. 4-5: “No Parque Eduardo VII Há uma enxada para cinco homens!”; ou n.º 10, “Crónica”, pp. 4-5). A mensagem transmitida é a de que ser proletário constitui posição socialmente bem mais confortável – e despreocupante – do que ter o ónus – ainda por cima aleatório – do emprego de capital.

A abordagem do burlesco da ainda recente revolução russa segue o mesmo método: um acentuar hiperbólico do anedotário então corrente (e mais que provavelmente chegou até nós através de publicações espanholas, francesas e inglesas). A “novidade” soviética teve nesta publicação um eco humorístico profuso e atravessa toda a publicação de modo brilhante. Alguns exemplos: o desenho de capa do n.º 2 com a seguinte legenda: “Camaradas! O Soviet Z-32 decreta que a água seja considerada luxo burguês!”; o do n.º 4, da autoria do capitão Menezes Ferreira, também em capa: “Camaradinha general! Agora ficas escalado para rancheiro do Soviet!”

Aliás, aproveitando inteligentemente este manancial de humor novo e fresco, logo no n.º 1 RV anuncia que “apesar da extraordinária despesa que isso representa acaba de enviar à Rússia Bolchevista a fim de colher de perto impressões dessa nova forma governativa” (...). Seguem-se em números posteriores vários artigos deste imaginário repórter sob o título “Carta da Rússia”, por vezes de um humor um pouco forçado, mas decerto de grande rendibilidade de vendas...

Também notícias caricaturais sobre uma emergente “revolução em Portugal” têm o seu espaço nesta publicação: n.º 1, p. 7, “Calendário Alfacinha”, n.º 2, p.

7, “Última Hora – O México oferece os seus serviços a Portugal”, n.º 4, p. 6, “Lisboa por Dentro – Diário de um Conspirador”.

A crítica literária é acerba: “No Mesmo Estilo” (por “Faísca”), visando, entre outros, Júlio Dantas, António Correia de Oliveira, Guerra Junqueiro, Albino Forjaz de Sampaio e Augusto Gil. Em crítica de teatro e cinema ver “Scenários e Écrans”.

Realizou dois concursos, um de “caricaturas” e outro de “versos estúpidos” e anunciou um terceiro de “charadas estúpidas” que não chegou a concretizar.

A face visível do RV é chocarreira, bem disposta para qualquer espécie de uma boa galhofa, sempre pronta a zombar do burguês novo-rico, dos seus gostos, escolhas e costumes, do trabalhador pacificamente impávido perante a exploração de que é alvo, de órgãos institucionais auto-convencidos da sua perene e consistente permanência.

Mas do outro lado desta publicação transparece latente a face sombria de uma análise política que não dá saída a qualquer solução para os problemas humoristicamente questionados. Antes reflecte o sentimento generalizado de nada ir bem nos órgãos do poder republicano. Este RV é a constatação, evidentemente com sinal brejeiro, mas de reter, de um mal-estar nacional, da pré-falência de um demoliberalismo decadente e incapaz do crédito popular. O *Riso d’a Vitória* pode não dar uma leitura que termine em gargalhadas. Mas dá decerto motivo sério para pensar.

Helena Bruto da Costa

(14.07.2007)